1 CORÍNTIOS 14:26

COMO

DIAGNÓSTICO

E PRINCÍPIO

CORRETIVO

Uma análise exegética, com duas aplicações eclesiais



LUIS DA SILVA

1 CORÍNTIOS 14:26 COMO DIAGNÓSTICO E PRINCÍPIO CORRETIVO

Uma análise exegética, com duas aplicações eclesiais

Luis da Silva


CONTACTO
E REDES SOCIAIS
WEBSITE
www.professorluisdasilva.com
EMAIL
contacto@professorluisdasilva.com
WHATSAPP
+244 936 955 864
REDES SOCIAIS
@profmrluisdasilva
LUIS DA SILVA

Termos técnicos usados neste livreto

Termo	Significado
Exegese	Interpretação cuidadosa de um texto a partir das suas palavras, do contexto e da intenção do autor
NA28	28.ª edição do *Novum Testamentum Graece* (Nestle-Aland), a edição crítica de referência do texto grego do Novo Testamento
Variante textual	Diferença de redação entre manuscritos antigos do mesmo texto
Indicativo	Modo verbal que apresenta algo como facto: «tem», «diz»
Imperativo	Modo verbal da ordem ou instrução: «faça-se», «cale-se»
Conjuntivo	Modo verbal usado, entre outras coisas, para situações eventuais ou que se repetem: «quando vos reunirdes»
Distributivo	Palavra que apresenta os indivíduos um a um, como «cada um»
Assíndeto	Sucessão de palavras ou frases sem as conjunções («e», «ou») que normalmente as ligariam
Pergunta retórica com μή	Pergunta grega que espera a resposta «não»: «Porventura são todos apóstolos?» equivale a «Não são todos apóstolos, pois não?»
Inclusão literária	Expressões semelhantes no início e no fim de uma secção, que delimitam o argumento
Coerência intra-epistolar	Compatibilidade de uma passagem com o resto da mesma carta
Intertextualidade	Relação entre uma passagem e outros textos bíblicos que ajudam a interpretá-la
Descrição e prescrição	Descrever é dizer o que acontece; prescrever é ordenar o que deve acontecer

Termo	Significado
Tese mínima e tese forte	A primeira é uma conclusão limitada, provada pelo texto; a segunda acrescenta uma interpretação mais ampla, que exige provas adicionais

Resumo

1 Coríntios 14:26 não é uma «ordem de reunião» que fixa um modelo normativo de culto. A primeira metade do versículo descreve, no indicativo, o que acontecia quando os coríntios se reuniam; a segunda formula, no imperativo, o critério que faltava: «faça-se tudo para edificação». Os vv. 27-40 aplicam esse critério.

A análise procede por gramática, contexto literário, coerência intra-epistolar, contexto histórico e lógica argumentativa. Mostra que a leitura prescritiva gera sete incoerências e, na prática eclesial, dois erros: a falsa emulação e a confusão entre possuir um dom e estar autorizado a exercê-lo publicamente.

Palavras-chave: 1 Coríntios 14:26; exegese paulina; dons espirituais; edificação; descrição e prescrição; ordem no culto; aptidão ministerial.

1. Introdução

O v. 26 é a dobradiça do capítulo 14. Fecha o argumento teológico dos vv. 1-25 e abre as instruções práticas dos vv. 27-40. Três leituras disputam o seu sentido:

- **Leitura prescritiva.** Paulo estaria a ordenar um modelo de culto em que cada crente traz um contributo, obrigatório para todas as igrejas.
- **Leitura descritiva positiva.** Paulo estaria a descrever com aprovação uma reunião participativa e, logo a seguir, a corrigir os abusos no modo de exercer os contributos. É a posição de Gordon Fee, para quem a primeira frase descreve o que deveria acontecer nas reuniões (Fee, coment. a 14:26; ed. esp., p. 781).
- **Leitura diagnóstica.** Paulo estaria a retratar uma assembleia em que a abundância de contributos não estava subordinada à edificação, e a introduzir o critério que faltava. É a leitura de John MacArthur (coment. a 14:26-28); R. P. Martin sugeriu algo semelhante (segundo Fee, coment. a 14:26, n. 8; ed. esp., p. 781, n. 9), e Charles Hodge lia o versículo como um estado de coisas real que precisava de correção (segundo Thiselton, p. 1133, n. 276).

Este artigo defende a tese em dois níveis, distinguindo o que o texto prova do que o contexto torna provável:

1. **Tese mínima (demonstrada).** O v. 26a não contém nenhuma ordem para que cada um traga algo. A única ordem é γινέσθω (faça-se), e diz respeito à edificação. Logo, a lista não pode ser transformada numa obrigação universal de participação, nem numa fórmula litúrgica de cinco elementos. Esta tese assenta na gramática e na sequência do capítulo, e é compatível tanto com a leitura positiva como com a diagnóstica.

2. **Tese forte (argumentada como mais provável).** O v. 26a é, além de descritivo, diagnóstico. Esta tese não se prova pela gramática. Apoia-se num argumento cumulativo: o uso de «quando vos reunis» na carta (3.1), o padrão de «cada um» (3.2), o contraste dos vv. 23-25 (3.4), a finalidade da edificação (3.5) e o contexto histórico (secção 5).

A tese mínima refuta uma coisa precisa: a leitura que faz da lista uma obrigação ou um modelo litúrgico fixo. Não nega que do versículo se extraiam princípios normativos; pelo contrário, afirma que o princípio normativo é a edificação. A secção 7 enfrenta a leitura positiva na sua melhor formulação.

Luis da Silva

2. Texto e análise gramatical

O versículo tem três partes: uma pergunta de transição, uma descrição e uma única ordem. Em cada ponto, esta secção separa o que a gramática mostra do que só o contexto pode decidir.

Τί οὖν ἐστιν, ἀδελφοί; ὅταν συνέρχησθε, ἕκαστος ψαλμὸν ἔχει, διδαχὴν ἔχει, ἀποκάλυψιν ἔχει, γλῶσσαν ἔχει, ἑρμηνείαν ἔχει· πάντα πρὸς οἰκοδομὴν γινέσθω. (NA28)

«Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, cada um tem salmo, tem ensino, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação.»

Nota textual. Alguns manuscritos tardios e o texto bizantino acrescentam ὑμῶν (de vós), lendo «cada um de vós». Uma variante textual é uma diferença de redação entre manuscritos antigos. Esta não altera o argumento.

2.1 Τί οὖν ἐστιν; (Que fazer, pois?)- uma pergunta de conclusão

Paulo usa a mesma pergunta em 14:15. Aí, ela faz a passagem do argumento sobre orar em línguas para a conclusão prática: «orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento». Em 14:26 faz o mesmo. Depois de 25 versículos sobre edificação, entendimento e efeito sobre o visitante, Paulo pergunta o que isso significa para as reuniões.

- **O que a gramática mostra:** o v. 26 pertence ao raciocínio que o precede. É uma conclusão, não um começo independente.
- **O que não mostra:** a pergunta, sozinha, não decide se o retrato que se segue é positivo ou crítico.

• **Consequência:** o v. 26 deve ser lido como aplicação do critério da edificação desenvolvido nos vv. 1-25, e não como um regulamento de culto autónomo.

2.2 ὅταν συνέρχησθε (quando vos reunis)- uma situação habitual

ὅταν (quando, sempre que) com o verbo no conjuntivo presente apresenta a reunião como algo que se repete. O conjuntivo é o modo verbal usado, entre outras coisas, para situações eventuais ou recorrentes. Paulo fala da prática habitual da assembleia, não de um episódio isolado. Mas não mostra que essa prática fosse censurável, nem que não pudesse servir de exemplo. Isso depende do uso da fórmula no resto da carta (secção 3.1). Thiselton acrescenta que a força repetitiva de «sempre que» recai sobre o princípio central, a edificação, e não sobre a lista (p. 1133).

2.3 ἔχει (tem), cinco vezes, no indicativo

O indicativo é o modo verbal com que se apresenta algo como facto: «ele tem». O imperativo é o modo da ordem: «tenha», «traga». Paulo escreve ἔχει (tem); não escreve ἐχέτω (tenha) nem φερέτω (traga).

Os cinco membros sucedem-se sem nenhum «e» a ligá-los. Esta ausência de conjunções chama-se assíndeto. Além disso, em cada membro o objeto vem antes do verbo: «salmo tem, ensino tem, revelação tem…». O efeito é de acumulação.

O sujeito é ἕκαστος (cada um), uma palavra distributiva: apresenta os indivíduos um a um, em vez de os tratar como grupo. A construção não esclarece, por si só, se cada pessoa tinha vários dos elementos enumerados ou se os contributos se distribuíam por pessoas diferentes. Fee e Thiselton favorecem a segunda hipótese. Fee observa que, em 1:12, 12:7 e 14:26, ἕκαστος não significa necessariamente «todos e cada um», mas é enfático e distributivo; quando Paulo quer dizer «todos e cada um», escreve εἷς ἕκαστος (Fee, coment. a 11:21, nota sobre ἕκαστος; ed. esp., p. 618, n. 47). Thiselton, com Conzelmann, entende que significa «um tem isto, outro tem aquilo» (p. 1134). Mas o argumento deste artigo não

depende desta questão. O que importa é que Paulo usa o indicativo ἔχει (tem), e não um imperativo que ordene a cada crente trazer ou exercer um contributo.

O versículo não contém nenhuma ordem para que cada pessoa traga um contributo. Não diz se a descrição é elogio, neutralidade ou crítica. A acumulação tanto pode realçar a riqueza dos dons como a falta de ordem; só o contexto decide (secções 3 a 5).

2.4 γινέσθω (faça-se)- o único imperativo

γινέσθω é um imperativo presente na 3.ª pessoa do singular: «que seja feito», «faça-se». É uma ordem dirigida a uma situação, não a um indivíduo. O sujeito é πάντα (tudo), ou seja, tudo o que acabou de ser enumerado.

A partir desta palavra, Paulo passa a ordenar em cadeia:

Versículo	Forma grega (português)	Modo	Função
26a	ἔχει (tem), cinco vezes	Indicativo	Descreve o que acontece
26b	γινέσθω (faça-se)	Imperativo	Critério: edificação
27	διερμηνευέτω (interprete)	Imperativo	Um só intérprete
28	σιγάτω (cale-se), λαλείτω (fale)	Imperativo	Sem intérprete, cale-se; fale consigo e com Deus
29	λαλείτωσαν (falem), διακρινέτωσαν (julguem)	Imperativo	Dois ou três profetas falem; os outros julguem
30	σιγάτω (cale-se)	Imperativo	O primeiro cale-se
40	γινέσθω (faça-se)	Imperativo	Critério: decência e ordem

O contraste mostra que Paulo sabe usar o imperativo quando quer ordenar, e que no v. 26a não o usou.

2.5 A inclusão literária dos vv. 26b–40

Há inclusão literária quando a mesma expressão abre e fecha uma secção, marcando os seus limites. É o que acontece aqui:

- v. 26b: πάντα πρὸς οἰκοδομὴν γινέσθω (tudo para edificação, faça-se).
- v. 40: πάντα δὲ εὐσχημόνως καὶ κατὰ τάξιν γινέσθω (tudo, porém, com decência e segundo a ordem, faça-se).

A secção prática começa e termina com um critério, e é nos critérios que Paulo coloca a norma.

2.6 O que a gramática prova e o que não prova

A gramática prova	A gramática não prova
Que o v. 26a não contém nenhuma ordem para trazer contributos	Que o retrato seja negativo
Que a única ordem do versículo diz respeito à edificação	Que Paulo desaprove a variedade de contributos
Que a secção prática está emoldurada pela edificação e pela ordem	Qual é o tom exato de Paulo

Ler ἔχει (tem) como se fosse ἐχέτω (tenha) é acrescentar ao texto uma ordem que Paulo não escreveu. Mas a gramática, sozinha, não decide se Paulo está a descrever um problema. Essa conclusão depende das secções 3 a 5 e é apresentada como a leitura mais provável, não como um dado gramatical.

3. Contexto literário

Na própria carta, quando Paulo descreve os coríntios «quando se reúnem» ou diz que «cada um» faz algo, está quase sempre a tratar de um problema. Esse padrão torna plausível que o v. 26 o siga também.

3.1 A fórmula «quando vos reunis» em 1 Coríntios 11–14

Texto	O que Paulo descreve	Avaliação de Paulo
11:17	Reuniões que «não são para melhor, mas para pior»	Censura direta
11:18	«Quando vos reunis em assembleia, ouço que há divisões»	Diagnóstico
11:20-21	«Quando vos reunis… não é a ceia do Senhor que comeis»	Diagnóstico
11:33-34	«Quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros»	Correção
14:23	«Se toda a igreja se reunir e todos falarem em línguas… não dirão que estais loucos?»	Diagnóstico hipotético
14:26	«Quando vos reunis, cada um tem…»	Seguido de correção (26b-40)

As ocorrências de «quando vos reunis» mostram que Paulo frequentemente aborda problemas concretos da vida comunitária, sobretudo nos capítulos 11 e 14. Este padrão torna plausível uma leitura diagnóstica de 14:26, mas não a demonstra por si só. É necessário considerar também a gramática, a sequência do argumento e a finalidade da edificação.

3.2 «Cada um» (*ἕκαστος*) como marca do individualismo coríntio

O paralelo mais revelador está no uso de *ἕκαστος* com verbo no presente do indicativo para descrever os coríntios:

- **1:12**- «cada um de vós diz: eu sou de Paulo, eu de Apolo…» (*ἕκαστος ὑμῶν λέγει*). Diagnóstico do espírito de partido.
- **11:21**- «cada um toma antecipadamente a sua própria ceia» (*ἕκαστος … προλαμβάνει*). Diagnóstico do individualismo à mesa.

• **14:26**- «cada um tem salmo, tem ensino…» (*ἕκαστος … ἔχει*). A mesma construção, no mesmo contexto de assembleia.

Nas duas primeiras ocorrências o sentido diagnóstico é explícito. Em 14:26 não é. Por isso o paralelo, sozinho, não é conclusivo: a mesma construção gramatical pode servir funções diferentes conforme o contexto. O seu valor é cumulativo. Somado ao uso de «quando vos reunis» (3.1), ao contraste dos vv. 23-25 (3.4) e às restrições imediatas dos vv. 27-33 (secção 4), o paralelo torna a leitura diagnóstica mais provável do que a positiva. Não a torna certa.

3.3 A edificação como fio da carta

O critério do v. 26b não aparece do nada. Atravessa a carta:

• 8:1- «o conhecimento incha, mas o amor edifica».

• 10:23-24- «nem tudo edifica; ninguém busque o próprio interesse, mas o do outro».

• 12:7- a manifestação do Espírito é dada a cada um «para o proveito comum» (*πρὸς τὸ συμφέρον*).

• 13:5- o amor «não procura os seus interesses».

• 14:3, 4, 5, 12, 17- a edificação como medida de cada dom.

O capítulo 13 está no centro do bloco 12–14. O amor que «não procura os seus interesses» é a chave de leitura dos capítulos 12 e 14. Fee observa que a segunda frase do v. 26, a ordem de que tudo seja para edificação, ecoa precisamente o interlúdio sobre a primazia do amor (coment. a 14:26; ed. esp., p. 781). Thiselton regista o mesmo juízo em vários comentadores, entre eles Hays e o próprio Fee: o capítulo 13 retoma o conhecimento, as línguas e as profecias, que são o tema dos capítulos 12 e 14 (p. 1028). O «cada um tem» do v. 26a é exatamente o oposto: cada um com o seu. A ordem «faça-se tudo para edificação» é o capítulo 13 aplicado à reunião.

3.4 O contraste dos vv. 23-25: Paulo julga os dons pelos efeitos

Imediatamente antes do v. 26, Paulo imagina dois cenários. Se toda a igreja se reunir e todos falarem em línguas, o visitante dirá que estão loucos (v. 23). Se todos profetizarem, o visitante é convencido, os segredos do seu coração ficam manifestos, e ele prostra-se e adora a Deus, declarando que Deus está no meio deles (vv. 24-25).

Paulo não avalia as manifestações pelo simples facto de ocorrerem, mas pelo efeito que produzem em quem participa e em quem observa. A reunião em que «todos falam» em línguas é uma reunião em que cada um exerce o que tem, e Paulo diz que ela é ininteligível e prejudica o testemunho.

O v. 26 vem logo a seguir e abre com «que fazer, pois?». Depois de mostrar que a manifestação simultânea de todos produz um efeito negativo, seria estranho que Paulo apresentasse como modelo uma lista em que cada um traz o seu, sem critério. É mais coerente ler o v. 26 como a mesma assembleia, agora submetida ao critério que os vv. 23-25 tornaram necessário. O próprio Fee nota que a retoma do verbo «reunir-se» em 14:26 reforça que o v. 23 dá um quadro realista do que os coríntios de facto faziam (coment. a 14:26, n. 7; ed. esp., p. 781, n. 8).

Limite

Este argumento reforça a leitura diagnóstica. Mas é também compatível com a leitura positiva, desde que esta admita que a variedade só é boa quando subordinada ao critério, e isso é precisamente a tese mínima.

3.5 O argumento da finalidade: o que governa os contributos

Este argumento sustenta a conclusão principal sem depender do tom do v. 26a. Ao longo do capítulo, Paulo mede todos os dons pela mesma finalidade:

Texto	Critério

Texto	Critério
14:3	Quem profetiza fala para edificação, exortação e consolação
14:4-5	A língua edifica quem fala; a profecia edifica a igreja; a língua só se iguala à profecia se for interpretada, «para que a igreja receba edificação»
14:7-11	Sem sentido percetível, a fala é como um instrumento que não dá som distinto
14:12	Procurai abundar nos dons para edificação da igreja
14:16-17	O outro não é edificado se não entende
14:19	Cinco palavras com entendimento valem mais do que dez mil em língua
14:26	Faça-se tudo para edificação
14:31	Para que todos aprendam e todos sejam consolados
14:40	Faça-se tudo com decência e ordem

A pergunta decisiva não é quantas pessoas participam, mas o que governa a participação. Paulo responde sempre da mesma maneira: a edificação da igreja, que supõe entendimento. Por isso, mesmo que o v. 26a seja lido como retrato positivo, a lista não autoriza ninguém a reproduzir os cinco elementos numa reunião de hoje, nem a exigi-los. O que o texto exige é que tudo o que se faz edifique. A lista mostra o que havia; o critério mostra o que vale.

4. Coerência intra-epistolar

Se o v. 26a fosse a norma, Paulo contradir-se-ia nos versículos seguintes e no capítulo 12. Lido como diagnóstico, tudo se encaixa.

4.1 Os vv. 27-33 restringem o que o v. 26a enumera

O v. 26a, se fosse norma	O que Paulo ordena logo a seguir

O v. 26a, se fosse norma	O que Paulo ordena logo a seguir
Cada um tem língua	Dois ou, no máximo, três, um de cada vez, e um intérprete (v. 27)
Cada um tem interpretação	Se não houver intérprete, cale-se (v. 28)
Cada um tem revelação	Dois ou três profetas; os outros julguem; se outro receber revelação, o primeiro cale-se (vv. 29-30)
Cada um contribui livremente	Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas; Deus não é de confusão (vv. 32-33)

Uma descrição positiva pode ser seguida de restrições, e isso não seria contradição. Mas os vv. 27-33 mostram o que o v. 26a não pode ser: nem uma autorização irrestrita, nem uma obrigação universal. O v. 26a dá o quadro; os vv. 27-33 regulam-no.

4.2 1 Coríntios 12:29-30: nem todos têm todos os dons

Paulo pergunta: «Porventura são todos apóstolos? Todos profetas? Todos mestres?… Todos falam em línguas? Todos interpretam?» (12:29-30). Cada pergunta começa com μή (porventura). Em grego, uma pergunta introduzida por μή é retórica e espera a resposta «não». Equivale a dizer: «Não são todos apóstolos, pois não?». Paulo afirma assim que nem todos têm os mesmos dons, porque o Espírito os distribui «como quer» (12:11).

O que este texto prova e o que não prova

12:29-30 não refuta diretamente a leitura positiva do v. 26. «Cada um tem» pode significar que pessoas diferentes trazem contributos diferentes, e isso é compatível com 12:29-30. O que este texto refuta é outra coisa: qualquer leitura que transforme o v. 26 numa exigência de que todos possuam ou exerçam os mesmos dons, ou de que cada membro chegue à reunião com um dos cinco contributos. Saber se o v. 26a é um retrato positivo, um retrato a corrigir, ou ambas as coisas, não se decide aqui; decide-se nas secções 3 e 7.

4.3 A estrutura do capítulo 14

Secção	Conteúdo	Função
14:1-19	A profecia edifica a igreja; a língua sem interpretação edifica só quem fala	Argumento: o critério é a edificação e o entendimento
14:20-25	O efeito sobre o incrédulo que entra	Argumento: o critério é também o testemunho
14:26	«Quando vos reunis, cada um tem… faça-se tudo para edificação»	Dobradiça: diagnóstico e critério
14:27-35	Línguas, profecia, silêncio, ordem	Aplicação: regulações concretas
14:36-40	Autoridade apostólica; «decência e ordem»	Fecho: critério final

O movimento é argumento → diagnóstico e critério → aplicação → fecho. Fazer do v. 26 uma prescrição autónoma quebra esta sequência: o versículo deixa de ligar o argumento à aplicação e passa a competir com ela.

4.4 Da presença do contributo à fala pública

A sequência dos vv. 26-33 mostra que ter um contributo não determina como, quando, nem sequer se ele é dito em voz alta na reunião.

Versículos	O que acontece ao contributo
26	É enumerado: está presente na assembleia
27-28	A língua só é falada em público com intérprete; sem ele, fica entre a pessoa e Deus
29-31	A profecia é dita por poucos, por turnos, e julgada pelos outros
32-33	Quem tem o dom governa o seu uso, porque Deus é Deus de paz

Este argumento sustenta a aplicação da secção 9. Não prova, sozinho, que o retrato do v. 26a seja negativo. Prova que, positivo ou negativo, esse retrato não é uma licença.

5. Contexto histórico-cultural

Corinto era uma cidade onde o estatuto se exibia, e há indícios de que a igreja trouxe essa mentalidade para dentro da assembleia. Se assim foi, tomar o v. 26a como modelo seria transformar o sintoma em regra.

5.1 Uma cidade de estatuto e exibição

Refundada como colónia romana em 44 a.C., Corinto vivia de comércio, patronato e competição por honra. Os sintomas desta cultura aparecem na própria carta: o partidarismo em torno de mestres (1:12), o desprezo pelos pobres na ceia (11:21-22) e a exibição de dons (12:21-24). Fee, embora prudente, reconhece nas reuniões coríntias «um alto grau de culto individualizado» (coment. a 14:26-40; ed. esp., p. 779). Thiselton, resumindo Murphy-O'Connor, Winter, Theissen e outros, mostra como os costumes romanos de banquete e as convenções de patronato prepararam o cenário das refeições de 11:17-34 (p. 5). Regista também, com Winter, que o movimento sofista florescia em Corinto na busca de admiração e de seguidores públicos (p. 15).

5.2 Os dons como marca de estatuto

MacArthur descreve a assembleia coríntia como um lugar onde todos queriam participar ao mesmo tempo, sem interesse em servir, aprender ou edificar, à procura de atenção e de destaque (coment. a 14:26-28). Thiselton considera convincente a tese de Dale Martin de que, para muitos em Corinto, as línguas eram um «indicador de alto estatuto» (p. 916). Conclui que o uso público das línguas ficou tão ligado ao estatuto e à afirmação pessoal que os seus efeitos negativos passaram a pesar mais do que os positivos (p. 1095). O texto confirma o padrão: Paulo tem de lembrar que nenhum membro

pode dizer a outro «não preciso de ti» (12:21) e que os membros «menos honrosos» recebem mais honra (12:23-24).

5.3 «Que tens tu que não tenhas recebido?»

O próprio Paulo já tinha confrontado a lógica do «ter» em 4:7: *τί δὲ ἔχεις ὃ οὐκ ἔλαβες;*- «que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias?». O verbo é o mesmo do v. 26. Os coríntios orgulhavam-se do que «tinham». Lido à luz de 4:7, o «tem» repetido de 14:26 ganha outro relevo: Paulo submete esse «ter» a um critério que não é o de quem possui, mas o de quem é edificado.

Consequência.

Os dados históricos não provam, por si sós, o tom de 14:26. Mas, se esta reconstrução estiver certa, o que Paulo descreve é uma assembleia em que cada um chega com o seu. Fazer desse retrato o modelo do culto cristão inverteria então o sentido da correção: tomar-se-ia o problema pela solução.

6. Os sete problemas da leitura prescritiva

A leitura do v. 26a como ordem de reunião falha em sete pontos independentes; os pontos 1, 3, 4 e 6 bastam para refutar a leitura que faz da lista uma obrigação, e os pontos 2, 5 e 7 reforçam a leitura diagnóstica.

#	Problema	Em que consiste	Prova textual
1	Gramatical	Lê um indicativo, «tem» (*ἔχει*) como se fosse imperativo	14:26a vs. 26b; imperativos dos vv. 27-30, 40
2	Literário	Ignora que, na carta, «quando vos reunis» e «cada um» costumam introduzir diagnósticos (argumento cumulativo, não isolado)	1:12; 11:17-22; 14:23
3	Interno	Faz Paulo ordenar no v. 26 o que restringe nos vv. 27-33	14:27-33

#	Problema	Em que consiste	Prova textual
4	Intertextual	Transforma a diversidade de contributos numa exigência de que todos possuam ou exerçam dons, quando nem todos os têm	12:11, 29-30
5	Histórico	Toma o sintoma coríntio (exibição do que se «tem») como modelo	4:7; 11:21; 12:21-24
6	Interpretativo	Confunde descrição com prescrição e quebra a sequência argumento → critério → aplicação	14:1-40
7	Teológico	Desloca o centro do culto da edificação do corpo para a manifestação individual	8:1; 10:23-24; 12:7; 13:5

7. Objeções e respostas

Uma demonstração só é sólida se enfrentar as objeções mais fortes, não as mais fáceis. Estas são as cinco que encontrei.

Objeção 1: «Fee e outros leem o v. 26 em tom positivo, não como censura»

Esta é a leitura contrária mais forte e deve ser formulada no seu melhor. Fee entende que a primeira frase do v. 26 descreve o que deveria acontecer nas reuniões e ecoa a preocupação do capítulo 12: que cada um tenha oportunidade de participar no ministério do corpo. Rejeita expressamente a sugestão de R. P. Martin de que o «tem» repetido seja uma forma de repreensão, porque nada no texto indica desaprovação (coment. a 14:26 e n. 8; ed. esp., p. 781 e n. 9). Mas o mesmo Fee reconhece que, embora instrua, a secção tem «a finalidade básica de corrigir» (coment. a 14:26-33; ed. esp., p. 781).

Do outro lado, MacArthur lê o versículo como retrato da confusão coríntia: todos queriam participar ao mesmo tempo, à procura de

atenção e de destaque, e a ordem «faça-se tudo para edificação» responde a essa desordem (coment. a 14:26-28).

O debate é antigo. Segundo Thiselton, Dunn vê aqui «a descrição de uma reunião típica»; Lietzmann, um desejo indireto, «assim deveria ser»; e Hodge, um estado de coisas real que precisa de correção (p. 1133 e n. 276). O próprio Thiselton propõe outra leitura: as frases com ἕκαστος (cada um) são cenários hipotéticos, «suponde que, quando vos reunis…», e a força de «sempre que vos reunis» recai sobre o princípio central, a edificação da comunidade (p. 1133).

Resposta. Três perguntas delimitam o que esta leitura pode e não pode concluir.

1. **Se o retrato é positivo, o que impede que se torne obrigação universal?** O próprio contexto. A única ordem do versículo diz respeito à edificação (2.4). Os vv. 27-33 limitam o número, a ordem e as condições dos contributos (4.1, 4.4). E nem todos têm os mesmos dons (4.2). O próprio Fee não lê o versículo como obrigação: a lista é circunstancial, não visa estabelecer a «ordem» do culto nem ser exaustiva, e «o que é obrigatório é que tudo vise à edificação» (coment. a 14:26; ed. esp., p. 782). Carson conclui o mesmo: os vv. 26ss não descrevem tudo o que deve acontecer numa reunião da igreja (*A manifestação do Espírito*, p. 137).

2. **Em que sentido pode o versículo servir de modelo?** Como testemunho de que a reunião apostólica admitia contributos de vários membros, sujeitos a critério. Não como fórmula de cinco elementos a reproduzir, porque dois deles (línguas e revelação) são fenómenos que Paulo regula precisamente por serem prejudiciais sem critério.

3. **O que distingue uma descrição positiva de uma prescrição?** A presença de uma ordem, ou de uma aprovação explícita que convide à imitação. No mesmo bloco da carta, Paulo marca claramente quando aprova e quando reprova: «louvo-vos porque… guardais as tradições» (11:2); «não vos louvo, porque vos reunis não para melhor, mas para pior» (11:17). Em 14:26a não há

ordem nem louvor. Este silêncio não prova que Paulo desaprove a prática, nem impede que a leitura positiva seja defendida a partir do contexto. Impede apenas que o versículo, isoladamente, seja tratado como instituição inequívoca de um modelo universal.

A leitura positiva, bem formulada, não salva a leitura prescritiva. Ela concede que o critério é a edificação e que os contributos são regulados, ou seja, concede a tese mínima. A diferença entre a leitura positiva e a diagnóstica fica reduzida ao tom de Paulo. As razões para preferir o tom diagnóstico (3.1, 3.2, 3.4 e secção 5) são cumulativas, e nenhuma é decisiva isoladamente. É significativo que o principal defensor da leitura positiva conceda, por palavras suas, a tese mínima. Thiselton chega ao mesmo resultado por outra via (p. 1133).

Objeção 2: «14:31 diz que todos podem profetizar; logo a participação de todos é a norma»

Resposta. O versículo diz «podeis todos profetizar, um por um» e está ligado ao v. 29 («falem dois ou três profetas»). O «todos» refere-se a quem profetiza, e o «um por um» é já regulação. Mesmo que se alargue o «todos», o versículo concede uma possibilidade ordenada, não impõe uma obrigação, e subordina-a a um fim: «para que todos aprendam e todos sejam consolados».

Objeção 3: «Se o v. 26a é descrição, o versículo perde valor normativo»

Resposta. O valor normativo está no v. 26b. A norma é a edificação, retomada no v. 40 com «decência e ordem». O versículo não perde autoridade; a autoridade é colocada onde Paulo a colocou.

Objeção 4: «14:33b e 14:37 mostram que as regras valem para todas as igrejas»

Esta é a objeção mais séria, e obriga a formular a tese com precisão. Em 14:33b Paulo apela ao que se faz «em todas as igrejas dos santos». Em 14:37 afirma que o que escreve é «mandamento do Senhor». Não se pode, portanto, dizer que as

regulações dos vv. 27-33 eram meras sugestões locais. (O mesmo vale para 11:16, que apela ao costume das «igrejas de Deus».)

Resposta. A distinção correta não é entre «universal» e «só para Corinto», mas entre princípio, regulação e objeto:

Nível	Conteúdo	Alcance
Princípio	Deus não é de confusão, mas de paz; tudo para edificação; tudo com decência e ordem	Universal, sem exceção (14:26b, 33a, 40)
Regulação	Dois ou três; um de cada vez; intérprete; os outros julguem; o primeiro cale-se	Vinculativa onde existe o seu objeto (14:37)
Objeto	Línguas e profecia revelatória na assembleia	Fenómenos concretos, não «participação» em geral

Daqui resultam duas conclusões que nenhum dos lados do debate sobre a continuidade dos dons pode recusar. Primeira: onde se praticam línguas e profecia revelatória, as regulações aplicam-se. Segunda: o «dois ou três» não pode ser transferido para atividades que não são o seu objeto (pregação expositiva, cânticos, testemunhos, avisos) como se fosse uma quota geral de participantes. Fazer essa transferência é precisamente o erro descrito na secção 8.

Nota: a ligação de 14:33b ao v. 33a ou ao v. 34 é discutida (o NA28 e muitas traduções ligam-no ao v. 34). Em qualquer das leituras, o apelo universal recai sobre a ordem e a paz, não sobre uma liturgia com cinco elementos.

Objeção 5: «A profecia de 1 Coríntios inclui a pregação; logo o pregador é o profeta do v. 29»

Esta leitura tem defensores sérios. Thiselton aproxima a profecia de uma «pregação pastoral» reflexiva e inspirada, que inclui anúncios de juízo e de graça (p. 1045). Considera também que o argumento tirado de 14:30 assenta num pressuposto de êxtase sem prova segura (p. 1092). MacArthur, ao comentar 14:24-

25, entende a profecia no sentido geral de comunicar a Palavra de Deus (coment. a 14:24-25). Pérez Millos entende a profecia de Corinto como revelação que cessou com o fecho do Novo Testamento. Admite, porém, que hoje a «revelação» do v. 26 se possa referir a tomar um passo da Escritura e aplicá-lo como palavra de Deus para edificação, exortação e consolação (coment. a 14:26).

Resposta. Três dados do capítulo apontam noutra direção:

1. Em 14:6 Paulo distingue «revelação», «conhecimento», «profecia» e «ensino» (*διδαχή*). No v. 26 volta a distinguir «ensino» de «revelação». Se a profecia fosse o ensino bíblico, a distinção seria redundante.

2. Em 14:30 a profecia nasce de algo «revelado» (*ἀποκαλυφθῇ*) a alguém que está sentado, no decurso da reunião, ao ponto de interromper quem fala. Isso descreve uma manifestação espontânea, não uma exposição preparada. Thiselton objeta que este argumento supõe estados de êxtase (p. 1092). Não supõe: depende apenas de a fala surgir no decurso da reunião e poder interromper outra. E o próprio Thiselton adverte que seria um erro sério projetar em Paulo os estilos modernos de pregação pastoral, pois nada sugere que a profecia cristã primitiva fosse um monólogo contínuo de vinte minutos feito por um orador «treinado» (p. 961).

3. Em 14:29 a profecia é «julgada» pelos outros, o que supõe uma fala que pode conter erro e precisa de discernimento.

Fee e Carson, com posições diferentes sobre a continuidade dos dons, chegam aqui à mesma conclusão. Para Fee, com a palavra profecia Paulo «não quer dizer um sermão preparado, mas a palavra espontânea dada ao povo de Deus» (coment. a 14:1-5; ed. esp., p. 747). Carson afirma que a pregação não pode ser identificada com a profecia (*A manifestação do Espírito*, p. 171). Simpatiza também com a definição de Grudem (citado segundo Carson), baseada em 14:29-30: a profecia como transmissão de uma revelação espontânea (p. 96). O pregador expositivo exerce o «ensino» (*διδαχή*), com os critérios próprios do ensino (secção 9).

8. Aplicação I: a falsa emulação

Quando o v. 26 é lido como guião de reunião, as igrejas copiam a forma do texto e perdem a sua lógica. Chamamos a este erro **falsa emulação**, e ele ocorre tanto em igrejas que creem na continuidade dos dons como nas que não creem.

8.1 Definição

Falsa emulação é reproduzir os elementos que um texto descreve ou regula sem compreender a função que têm no argumento, supondo que a cópia da forma equivale a fidelidade. Respeita-se a letra da lista e viola-se o critério que a governa.

O Novo Testamento conhece este padrão. Jesus censura quem dizima «a hortelã, o endro e o cominho» e despreza «o mais importante da lei: a justiça, a misericórdia e a fé» (Mt 23:23). Paulo opõe a letra que mata ao Espírito que vivifica (2 Co 3:6). A falsa emulação é a versão litúrgica do mesmo erro.

8.2 Como se manifesta

a) Os elementos são redefinidos. Como a igreja já não tem os fenómenos que o texto regula, preenche as categorias com outras coisas:

• «Profeta» passa a ser o pregador que expõe a Escritura, quando o texto descreve uma fala que nasce de revelação recebida durante a reunião (14:30) e que é julgada pelos outros (14:29). Ver objeção 5.

• «Língua» passa a designar qualquer manifestação extática, sem a exigência de interpretação que é a condição do seu uso público (14:27-28).

• «Salmo», «ensino», «revelação» e «interpretação» são encaixados numa ordem de culto que o texto não fornece.

b) A regulação de um fenómeno torna-se quota geral. O «dois ou, no máximo, três» regula línguas e profecia (14:27, 29). Transferido para a reunião em geral, torna-se uma regra sobre

quantas pessoas podem falar, cantar ou testemunhar. Paulo nunca a aplicou a isso.

c) Reivindica-se o «cada um» e pratica-se o «alguns». O mesmo grupo que invoca o v. 26 como modelo participativo reduz, na prática, a participação a um pequeno número de líderes. Se o v. 26a fosse norma, essa redução seria desobediência ao modelo. Se não é norma (como este artigo demonstra), então não pode ser invocado como modelo. Em ambos os casos, o uso é incoerente.

Carson já tinha notado esta seletividade: alguns grupos não carismáticos apelam a 14:26ss para justificar os seus padrões de culto, enquanto recusam os fenómenos que o próprio texto regula (*A manifestação do Espírito*, p. 137, n. 68).

Esta crítica não defende a participação aberta (ver secção 9). Mostra apenas que quem toma o v. 26a como lei não a cumpre.

8.3 A cadeia de erros

Nível	Erro	Consequência
Exegético	Lê descrição como prescrição	Confunde o diagnóstico com a norma
Interpretativo	Transfere a regulação de um fenómeno para toda a reunião	O «dois ou três» vira quota geral
Teológico	Põe o centro na forma	Perde o critério da edificação
Prático	Invoca o «cada um» e restringe a «alguns»	Contradiz o modelo que diz seguir
Pastoral	Reproduz a forma sem a lógica	Fidelidade aparente, infidelidade real

8.4 O critério correto

A aplicação fiel não reproduz a lista; aplica o critério. Os princípios universais são a edificação (14:26), a paz (14:33), a decência e a ordem (14:40) e o proveito comum (12:7). As

regulações apostólicas vinculam onde existe o seu objeto (objeção 4). Tudo o resto que uma igreja faz na reunião é medido pelos mesmos princípios, e não pelo número de elementos que consegue encaixar.

9. Aplicação II: «cada um tem» não é licença para todos exercerem

O segundo erro é concluir que, se «cada um tem», então qualquer um pode exercer publicamente. O próprio capítulo 14 refuta esta conclusão: Paulo manda calar pessoas que *têm* o dom.

9.1 Ter não é estar autorizado a exercer

O texto separa claramente a posse do dom e o seu exercício na assembleia:

- Quem tem língua e não tem intérprete presente: «cale-se na igreja» (14:28). Tem o dom; não o exerce.
- O profeta que está a falar quando outro recebe revelação: «cale-se o primeiro» (14:30). Tem o dom; para.
- «Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas» (14:32). O dom não se impõe a quem o tem; quem o tem governa o seu uso.

Se a posse bastasse, estas ordens seriam impossíveis. A passagem de «ter» para «poder exercer» é exatamente aquilo que Paulo trava.

Convém distinguir três questões, relacionadas mas não idênticas:

Questão	O que se pergunta	Quem decide	Textos
Possuir um dom	O Espírito deu-lhe esta capacidade?	O Espírito, «como quer»	12:7, 11
Ter aptidão para uma função	Está preparado, provado e maduro para este serviço?	A igreja, segundo critérios apostólicos	1 Tm 3:2-10; 2 Tm 2:2; Tt 1:9

Questão	O que se pergunta	Quem decide	Textos
Estar autorizado a exercer aqui e agora	Nesta assembleia, neste momento, edifica e respeita a ordem?	A ordem da reunião e os que presidem na igreja	14:27-33, 40; 1 Ts 5:12

A diversidade de dons não significa que todos desempenhem a mesma função: «assim como num só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função» (Rm 12:4). Os dons diferem «segundo a graça que nos foi dada», e cada um exerce o seu na medida que lhe corresponde (Rm 12:6-8). A imagem do corpo pressupõe diversidade de funções. Quem salta da primeira questão para a terceira, sem passar pela segunda, comete o erro do «um tem, todos podem».

9.2 A aplicação seletiva do «cada um»

O próprio capítulo manda calar quem tem o dom (14:28, 30) e, para quem aceita 14:34-35 como paulinos, acrescenta ainda restrições à fala na assembleia; Fee, por exemplo, duvida da sua autenticidade (coment. a 14:26-40, n. 2; ed. esp., p. 779, n. 2). Em qualquer dos casos, o texto mostra que, para Paulo, o «cada um» do v. 26 não era uma licença universal: se fosse, estas restrições seriam contraditórias.

Isto expõe uma incoerência em quem lê o v. 26 como licença universal. Toda a igreja que regula quem fala na assembleia, seja qual for o critério, já admite na prática que o «cada um» não é licença. Basta admiti-lo também na exegese. Pérez Millos rejeita, pela mesma razão, que se fundamente neste versículo o chamado «culto livre», em que cada um, usando o seu direito de participar, diz o que lhe parece (coment. a 14:26).

9.3 O ensino exige aptidão comprovada

O ensino na igreja nunca é tratado como espontâneo ou aberto a qualquer um:

Critério	Texto
Apto para ensinar (*διδακτικός*)	1 Tm 3:2; 2 Tm 2:24
Apegado à palavra fiel, capaz de exortar e de refutar	Tt 1:9
Maneja bem (*ὀρθοτομοῦντα*, «corta direito») a palavra da verdade	2 Tm 2:15
Não neófito	1 Tm 3:6
Maturidade: deveríeis já ser mestres, mas ainda precisais de leite	Hb 5:12-14
Responsabilidade maior: os mestres serão julgados com mais rigor	Tg 3:1
Não impor as mãos precipitadamente	1 Tm 5:22
Dupla honra aos que trabalham na palavra e no ensino	1 Tm 5:17

O princípio geracional de 2 Tm 2:2 envolve quatro elos: Paulo → Timóteo → «homens fiéis» → «outros». O ensino é transmitido a quem é fiel e idóneo, e a idoneidade é condição, não consequência, de ensinar. O próprio Paulo não confiou o ensino a qualquer um: formou, observou e enviou. Pérez Millos chega à mesma conclusão: o ensino não estava nas mãos de qualquer um, mas dos que tinham o dom e a formação bíblica adequada. Pensar que qualquer irmão de bom testemunho pode ensinar sem esse dom é, para ele, «um sério erro» (coment. a 14:26).

9.4 Todo o serviço público exige testemunho e aptidão

O princípio não se limita ao ensino. Atravessa toda a Escritura:

- **Serviço material.** Até para servir às mesas, os apóstolos exigiram homens «de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria» (At 6:3). Os diáconos devem ser «primeiro provados» (1 Tm 3:10).

• **Música.** Quenanias dirigia o canto «porque era entendido nisso» (1 Cr 15:22); os cantores do templo eram «instruídos no cântico ao Senhor» (1 Cr 25:7); «tocai com arte» (Sl 33:3). No Novo Testamento, o canto ensina e admoesta (Cl 3:16), e portanto partilha a responsabilidade do ensino; Paulo canta «com o entendimento» (1 Co 14:15).

• **Profecia.** Os outros julgam (14:29); «examinai tudo, retende o bem» (1 Ts 5:21); «provai os espíritos» (1 Jo 4:1).

• **Supervisão.** Bispos e diáconos com critérios de carácter, testemunho público e governo da casa (1 Tm 3:1-13; Tt 1:5-9).

• **Toda a fala e todo o serviço.** «Se alguém fala, fale como quem fala as palavras de Deus; se alguém serve, sirva segundo a força que Deus dá» (1 Pe 4:11).

No corpo de Cristo, cada membro exerce a sua função no conjunto, «segundo a graça que nos foi dada» (Rm 12:6), e Cristo dá à igreja apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres «para o aperfeiçoamento dos santos» (Ef 4:11-12). A vida de Cristo manifesta-se no corpo através de membros com aptidão e testemunho; a obra de Deus exige seriedade.

9.5 Um testemunho: o desconhecido que se levanta para ministrar

Presenciei isto pessoalmente. No início do movimento comunitário, o «cada um tem» era entendido como liberdade de exercício. Vi crentes de outras igrejas, que ninguém na comunidade conhecia, chegarem a uma reunião local e levantarem-se para ministrar aos santos em nome de quem «tem». Isso não era fidelidade ao texto; era desordem.

A igreja apostólica conhecia este risco e tinha meios de o controlar:

• **Cartas de recomendação.** Apolo chega a Acaia com carta dos irmãos (At 18:27); Paulo recomenda Febe (Rm 16:1-2) e menciona as cartas de recomendação como prática conhecida (2 Co 3:1); Marcos deve ser recebido por instrução prévia (Cl 4:10).

• **Conhecer os que trabalham.** «Reconhecei os que trabalham entre vós e vos presidem no Senhor» (1 Ts 5:12). A autoridade supõe conhecimento.

• **Recusar o mestre desconhecido que traz outra doutrina.** «Não o recebais em casa» (2 Jo 10-11).

• **Provar pelos frutos.** «Pelos seus frutos os conhecereis» (Mt 7:15-16).

A Didaqué (c. finais do séc. I ou inícios do II), um dos mais antigos manuais eclesiásticos, confirma a mesma prudência. Os profetas e apóstolos itinerantes deviam ser examinados pelo seu comportamento, e quem pedisse dinheiro ou se demorasse indevidamente era tido por falso profeta (Didaqué 11–12). Estes textos não descrevem o episódio que presenciei; fundamentam o discernimento que nele faltou.

9.6 Comparação das duas leituras

Leitura «um tem = todos podem»	Leitura diagnóstica com critério
A posse do dom autoriza o exercício	O exercício é regulado: o próprio texto manda calar quem tem (14:28, 30)
Invoca o «cada um» e restringe sem explicar	As restrições vêm de outros textos e mostram que o «cada um» nunca foi licença
Ensino aberto a qualquer um	Ensino exige aptidão, manejo da Escritura e maturidade (1 Tm 3:2, 6; 2 Tm 2:2, 15; Tg 3:1)
Desconhecidos ministram livremente	Exercício supõe vínculo, recomendação e testemunho (At 18:27; 1 Ts 5:12; 2 Jo 10)
Forma sem critério	Edificação, ordem, decência e proveito comum (14:26, 33, 40; 12:7)

Síntese. O dom é dado a cada um para o proveito comum (12:7). O exercício público desse dom é responsabilidade regulada: exige edificação, ordem, aptidão, testemunho e vínculo com a comunidade. O «cada um tem» descreve o que o Espírito distribui; não é uma autorização que dispense a igreja de discernir.

10. Conclusão

1 Coríntios 14:26 não diz «assim deve ser a reunião». Diz «eis o que acontece quando vos reunis; eis o critério que falta: edificação». A conclusão assenta em dois tipos de prova, que convém não confundir:

Demonstrado pelo texto (tese mínima):

1. **Gramática.** O v. 26a está no indicativo, ἔχει (tem); a única ordem é γινέσθω (faça-se), e diz respeito à edificação.

2. **Estrutura.** A moldura dos vv. 26b–40, πάντα … γινέσθω (tudo… faça-se), coloca a norma nos critérios, não na lista.

3. **Sequência.** Os vv. 27-33 regulam e restringem o que o v. 26a enumera; ter um contributo não é estar autorizado a dizê-lo.

4. **Finalidade.** Ao longo do capítulo, Paulo mede sempre os dons pela edificação e pelo entendimento.

5. **Intertextualidade.** Nem todos têm os mesmos dons (12:11, 29-30), o que exclui uma exigência universal de participação.

Argumentado como mais provável (tese forte):

1. Na carta, «quando vos reunis» e «cada um» costumam introduzir diagnósticos (1:12; 11:17-22).

2. O contraste dos vv. 23-25 mostra que uma reunião em que todos exercem o que têm, sem critério, produz efeito negativo.

3. Paulo marca explicitamente quando louva (11:2) e quando não louva (11:17); em 14:26a não há louvor.

4. O retrato corresponde ao sintoma coríntio de exibir o que se «tem» (4:7).

Daqui decorrem duas consequências práticas. A **falsa emulação** copia a forma sem o critério, redefine os elementos e transforma a regulação de fenómenos concretos numa quota geral. A **licença universal** confunde possuir um dom com estar autorizado a exercê-lo, contra o próprio texto que manda calar quem tem (14:28, 30) e contra toda a doutrina apostólica da aptidão e do testemunho.

A edificação não elimina o «cada um tem»; ordena-o. O princípio é universal; as regulações apostólicas vinculam onde existe o seu objeto; e nenhuma forma, por mais textual que pareça, substitui o critério pelo qual Paulo a julgou: que o corpo seja edificado.

Bibliografia

Nota sobre as citações: Fee é citado pela edição portuguesa (Vida Nova, 2019) e MacArthur e Pérez Millos pelas edições espanholas; como as versões digitais consultadas não têm paginação fixa, indica-se o versículo comentado e, quando útil, a nota; para Fee indica-se também a página da edição espanhola (1994), que tem paginação impressa. Carson é citado pelas páginas da edição portuguesa (Vida Nova, 2013). Thiselton é citado pelas páginas da edição original (Eerdmans, 2000). As obras assinaladas como «citado segundo» foram consultadas através de outro autor.

Texto

Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 28.ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

Comentários

Conzelmann, Hans. *1 Corinthians*. Hermeneia. Filadélfia: Fortress, 1975. (Citado segundo Thiselton.)

Fee, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1987; ed. rev. 2014. Ed. port.: *1Coríntios: comentário exegético.* Trad. Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2019. Ed. esp.: *Primera Epístola a los Corintios*. Buenos Aires; Grand Rapids: Nueva Creación, 1994.

Hays, Richard B. *First Corinthians*. Interpretation. Louisville: John Knox, 1997. (Citado segundo Thiselton.)

Hodge, Charles. *The First Epistle to the Corinthians*. Londres: Banner of Truth, 1958 (reimpr.). (Citado segundo Thiselton.)

Lietzmann, Hans. *An die Korinther I/II*. HNT 9. 4.ª ed. Tübingen: Mohr, 1949. (Citado segundo Thiselton.)

MacArthur, John. *1 Corinthians*. The MacArthur New Testament Commentary. Chicago: Moody, 1984. Ed. esp.: *1 Corintios*. Comentario MacArthur del Nuevo Testamento. Grand Rapids: Portavoz, 2003.

Pérez Millos, Samuel. *Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento: 1ª Corintios*. Viladecavalls: CLIE, 2019.

Thiselton, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians*. NIGTC. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

Estudos

Carson, D. A. *Showing the Spirit: A Theological Exposition of 1 Corinthians 12–14*. Grand Rapids: Baker, 1987. Ed. port.: *A manifestação do Espírito.* São Paulo: Vida Nova, 2013.

Dunn, James D. G. *The Theology of Paul the Apostle*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1998. (Citado segundo Thiselton.)

Grudem, Wayne. *The Gift of Prophecy in 1 Corinthians*. Washington: University Press of America, 1982. (Citado segundo Carson.)

Martin, Dale B. *The Corinthian Body*. New Haven: Yale University Press, 1995. (Citado segundo Thiselton.)

Martin, Ralph P. *The Spirit and the Congregation: Studies in 1 Corinthians 12–15*. Grand Rapids: Eerdmans, 1984. (Citado segundo Fee.)

Winter, Bruce W. *Philo and Paul among the Sophists*. SNTSMS 96. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. (Citado segundo Thiselton.)

Fonte antiga

Didaqué, caps. 11–12. Ed. port.: in *Padres Apostólicos.* Coleção Patrística, 1. São Paulo: Paulus, 1997.

1 CORÍNTIOS 14:26

COMO

DIAGNÓSTICO

E PRINCÍPIO

CORRETIVO

Uma análise exegética, com duas aplicações eclesiais

Este livreto examina cuidadosamente 1 Coríntios 14:26, mostrando que o versículo não estabelece um modelo normativo e obrigatório de culto, mas descreve a realidade da igreja em Corinto e revela um problema que precisava de correção: a falta de submissão de todos os contributos à edificação da igreja.

Com base na análise do texto grego, do contexto literário, do pano de fundo histórico e da lógica do argumento de Paulo, o autor demonstra que o princípio central do capítulo é a edificação, e não a multiplicação indiscriminada de manifestações.

O QUE O LEITOR ENCONTRARÁ

- Análise exegética de 1 Coríntios 14:26.
- Distinção entre descrição e prescrição.
- Refutação de sete incoerências da leitura prescritiva.
- Dois erros práticos na vida eclesial.
- Duas aplicações para a igreja hoje.

LUIS DA SILVA

É cristão, servo do Senhor e estudante dedicado das Escrituras, com interesse especial em eclesiologia e na vida prática da igreja. Escreve para servir as igrejas com estudo bíblico sério, fiel ao texto e aplicado à realidade atual.